

TRABALHADORES CAMPONESES MIGRANTES

HISTÓRIAS DE VIDA E IDENTIDADE

*Marilda Aparecida de Menezes**

O objetivo deste artigo é analisar o uso de histórias de vida e de entrevistas abertas feitas entre trabalhadores camponeses migrantes de cana-de-açúcar no Nordeste do Brasil. Dois aspectos serão discutidos aqui. Primeiramente, através dos testemunhos orais documentados, é analisada a vida diária do grupo. Segundo, a identidade do grupo é construída através de suas estratégias de vida, ou seja, a forma como eles se representam seu trabalho, sua cultura e sua política; e quais tem sido suas práticas sociais. Embora em termos teóricos, eu adote aqui categorias tais “camponeses” e/ou “trabalhadores migrantes”, as identidades são processos muito mais complexos do que as delimitações dessas categorias. A análise é baseada na discussão de algumas idéias teóricas e em algumas histórias de vida e entrevistas abertas preliminares feitas de outubro a dezembro de 1993 no Nordeste do Brasil.

Eu escolhi dois lugares para um “estudo do caso”. A “área dos camponeses” fica no município de Fagundes que está localizado na região do Agreste da Borborema, estado da Paraíba, no Nordeste do Brasil. A Paraíba possui 56.372 Km² e representa 0,66% do território nacional e 3,6% do Nordeste. Este é o lugar de “origem”, onde os camponeses nasceram e vivem com as suas famílias. A Região Nordeste possui altos índices de migração, tanto das áreas rurais para as áreas urbanas, como para fora da região. Fagundes acompanha esta tendência. Sua população cresceu 1,5% durante os anos 60, e nos anos 70 não houve aumento na população, enquanto o crescimento da população no Brasil foi de

* Professora da Universidade Federal da Paraíba; Estudante PHD, Universidade de Manchester/Departamento de Política Social

2,5% nos anos 70.

A área dos trabalhadores migrantes é “Engenho D’água”, uma vila de trabalhadores rurais localizada dentro de uma fazenda de cana-de-açúcar no município de Igarassu, estado de Pernambuco.

A costa litorânea de Pernambuco tem, desde o período colonial no século XVIII, baseado sua economia nas plantações de cana-de-açúcar. Igarassu está localizada na Costa Norte de Pernambuco, em uma região chamada “Mata Norte”. As relações de trabalho nas plantações de cana-de-açúcar baseiam-se em trabalhadores assalariados. Eles são trabalhadores tanto permanentes como temporários. Os trabalhadores permanentes, na sua maioria, vivem nas cidades locais e os temporários vêm de outras regiões dos estados de Pernambuco e da Paraíba. Os trabalhadores locais moram nas propriedades do “usineiro” dentro da fazenda, ou fora dela, em suas próprias propriedades. Os trabalhadores que moram fora são contratados principalmente no período de colheita — de setembro a março — e moram dentro da fazenda em casas coletivas, uma espécie de “alojamento”. Cada fazenda de cana-de-açúcar (“usina”) possui várias casas coletivas. “Engenho d’água é uma vila de cana-de-açúcar onde existe um alojamento com setenta trabalhadores de Fagundes. Eu escolhi “Engenho d’água porque todos os seus residentes são da “área de camponeses” estudada. Os outros alojamentos acolhem pessoas de diferentes lugares. Na literatura internacional e na brasileira, estes trabalhadores são chamados de “trabalhadores temporários” ou “migrantes temporários”. No entanto, no Nordeste eles são comumente chamados de “corumbas”. Esta denominação não parte de uma idéia acadêmica, mas expressa os atributos pelos quais os “trabalhadores temporários” são conhecidos, tais como a região de onde eles são — Agreste e Sertão — que são áreas áridas; o espírito gregário deles, ou seja, a forma como eles se ligam uns aos outros por laços de amizade ou de parentesco; e ainda o fato deles serem considerados como tendo grande capacidade para o trabalho. (Andrade, 1980:111). No “Engenho d’água”, os migrantes da Paraíba são identificados pelas pessoas locais e pelos empreiteiros de cana-de-açúcar como “paraibanos”. Esta denominação não significa apenas

o lugar de origem desses trabalhadores, mas expressa antes que eles formam uma categoria a qual algumas características sociais, culturais e políticas estão relacionadas. Os "paraibanos" são considerados trabalhadores passivos; isto significa que eles aceitam salários mais baixos do que os "pernambucanos", e não tomam parte nas greves. Os proprietários de cana-de-açúcar ("usineiros") reforçam esta representação dos trabalhadores temporários vindos da Paraíba para promover a divisão dos trabalhadores. Esta situação compõe a base de alguns conflitos entre "paraibanos" e "pernambucanos" (trabalhadores locais).

A migração representa um importante papel na sobrevivência das famílias de camponeses na região estudada. Espera-se que o uso das histórias de vida cubra também um período mais extenso. Isto significa retornar a gerações passadas da família/indivíduo. Na entrevista, estou enfocando os múltiplos movimentos migratórios da geração atual. É difícil obter dados precisos sobre os movimentos migratórios. Durante os anos 70 e 80 alguns pesquisadores, especialmente os demográficos, fizeram alguns esforços para avaliara assim chamada "migração múltipla", mas com pouco sucesso. No entanto, através das entrevistas e das histórias de vida, foi possível identificar os principais movimentos migratórios de uma pessoa e/ou família. Os camponeses migram comumente para as metrópoles dentro e fora do Nordeste ou vão trabalhar temporariamente em alguma colheita dentro da região ou fora desta. A maioria deles são homens, solteiros ou casados; a idade média é de 25 a 40 anos de idade.

Como migrantes, os camponeses têm experimentado relações de trabalho, culturas e atividades políticas diferentes. Algumas vezes, eles são trabalhadores temporários e em outros, proletários urbanos. Ser um trabalhador assalariado em uma colheita de cana-de-açúcar ou um proletário em uma fábrica ou no setor de serviço não é uma escolha pessoal. Depende das oportunidades de trabalho, do ciclo de vida, das amizades, parentesco e dos julgamentos pessoais sobre essas opções.

Usar histórias de vida e entrevistas tem se revelado uma boa metodologia para entender essas características da vida diária.

Como P. Thompson (1992, p. 111) diz: “as histórias de vida enfatizam os aspectos do trabalho, família, e vida diária, e não apenas os aspectos da militância política e da vida pública”.

Embora o documento da vida represente a singularidade da vida de uma pessoa ou família, pode ser uma referência do grupo social ao qual a pessoa pertence.

P. Thompson acredita que não existe separação entre a subjetividade e o “fato”.

“A subjetividade que alguns consideraram como um ponto fraco dos documentos orais pode também fazê-los singularmente valiosos. A subjetividade é um fato histórico bem como os “fatos” mais visíveis. Aquilo em que a pessoa entrevistada acredita é um fato (isto é, o fato de que ele acredita neste) bem como o fato realmente aconteceu”. (Thompson, 1991, p. 183). O contraste entre a objetividade e a subjetividade é um dilema clássico das ciências sociais que está fortemente incorporado no positivismo. Esta polarização pode ser analisada em outros termos teóricos e metodológicos. Desse modo, o amplo debate sobre as representações sociais (os mitos, os sonhos, a vida diária) na sociologia contemporânea é uma tentativa de afastar o discurso científico do contraste mecânico entre a objetividade e a subjetividade. A realidade social não é apenas definida pelas condições objetivas, mas também pelas formas de interpretá-las. A realidade e o pensamento são indissociáveis.

“A imaginação não é apenas uma construção da mente, ela é também o modo através do qual os homens agem sobre eles próprios, uma ação auto-plástica que ganha muito mais importância quando a ação aloplástica (que transforma a realidade externa) se revela impossível (Silva In: Pastoral dos Migrantes, p. 2).

Em histórias de vida, Plummer diz:

“É um grande erro ver as histórias de vida como totalmente individualistas — as vidas se movem persistentemente através da história e da estrutura. Como tal, mais do que qualquer outro método, elas permitem alcançar um senso da totalidade de uma vida”. (Plummer, 1983, p. 69).

Em minha tese de mestrado (Menezes, 1985) eu observei a

migração de camponeses do Estado da Paraíba, no Nordeste do Brasil para a metrópole de São Paulo, no sudeste do Brasil. A análise estava centrada nas mudanças da estrutura sócio-econômica do camponês. Eles foram submetidos a um processo de pauperização e a migração era uma estratégia de sobrevivência da família camponesa. Alguns membros da família que migraram, ajudam aqueles que permaneceram no campo. A migração liga a vila rural diretamente às grandes cidades que estão a até 4.000 Km de distância das áreas de camponeses. Embora os migrantes não tenham se envolvido em movimentos sociais expressivos, a mobilidade aparece no discurso deles como uma forma de resistência às relações de poder na agricultura. Avaliando o discurso de um grupo de camponeses — os “moradores”⁹⁷ — eu percebi que eles vêem sua relação com o proprietário das terras como dependente e submissa. Assim, as estratégias de vida não são apenas um modo de sobrevivência econômica, mas também uma tentativa de evitar as relações de dominação no “latifúndio”. Este exemplo mostra que a ação e a representação (pensamento) são indissociáveis.

Os trabalhadores migrantes camponeses representam uma condição uma condição histórica da reprodução camponesa⁹⁸. Eles têm experimentado em suas trajetórias de vida, diferentes tipos de relações de trabalho e culturas. Eles têm também participado de movimentos sociais onde quer que eles estejam, nas áreas de camponeses, nas fábricas, na construção civil ou na agricultura.

A questão a ser considerada aqui é: até que ponto a experiência de vida durante a trajetória migratória está incorporada dentro da ação e representação dos trabalhadores camponeses migrantes. A experiência de vida expressa diferentes tipos de relações de trabalho, relações sociais e participação em movimentos

⁹⁷ “moradores” significa um camponês que não possui a terra e que trabalha e vive dentro da propriedade de alguém. Eles representam uma categoria histórica no Nordeste do Brasil ligada ao “latifúndio”. Significa um sistema cultural, político, social e econômico baseado na concentração de vastas extensões de terra nas mãos de famílias dominantes.

⁹⁸ Uma discussão detalhada sobre esta afirmação pode ser encontrada em meu projeto PHD: “Trabalhadores Migrantes Camponeses: trajetórias migratórias e identidade”. Universidade de Manchester, Departamento de Política Social, não publicado, julho de 1994.

sociais. Em outras palavras, como entender que é este grupo, são eles camponeses? Ou são camponeses num processo de proletarianização? Ou são eles completamente proletariado? Como eles podem ser identificados, ou como eles identificam-se a si mesmos?

Mesmo em uma pauperização extrema, onde os camponeses são em grande parte dependentes dos salários, eles mantêm certos aspectos culturais das comunidades camponesas. Esta não é uma comunidade camponesa clássica que constitui um tipo ideal ou como as que se encontram em certas partes tradicionais do mundo, mas ela não tem se convertido em uma vila proletária. O fato de não deixarem “definitivamente” o campo quando vão para as cidades ou para áreas mais proletárias, não se justifica sempre por razões econômicas. Algumas vezes, isto representa uma tentativa de preservar certas características da vida camponesa, tais como: as relações de amizade e parentesco. O mesmo ocorre nas áreas de cana-de-açúcar. Os trabalhadores migrantes camponeses podem não ser identificados como proletários rurais, mas esta dupla identidade interfere em suas ações e representações no contexto do trabalho assalariado. Embora eles sejam completamente dependentes do salário, a sociabilidade que existe nos alojamentos é um mistura de características do proletariado rural e do camponês. Algumas vezes, eles preparam a comida individualmente e em outras, eles formam pequenos grupos pelas relações de amizade e parentesco. A ajuda mútua tem sido observado em certas ocasiões, como compartilhar comida e fornecer remédios. Desta forma, eu sou levada a acreditar que os “trabalhadores camponeses” formam uma identidade específica. Isto significa que certos padrões culturais têm sido preservados e outros têm se modificado ou existe ainda uma mudança no significado de certos padrões culturais tradicionais.

É importante analisar esta condição social híbrida porque ela constitui o suporte sobre o qual eles agem e representam as relações sociais em que eles estão envolvidos.

Eu posso dizer que a experiência como camponês ou como trabalhadores migrantes são lentes através das quais os trabalhadores migrantes camponeses vêem o mundo (Menezes, 1993).

O problema não é propriamente defini-los como camponeses ou trabalhadores migrantes, mas é analisar como suas identidades têm sido construídas através das estratégias de vida. A tentativa de colocá-los em uma ou outra categoria deve distorcer a identidade deles para preservar uma conceitualização teórica.

B. Bozzoli tem analisado histórias de vida de mulheres que migraram para outras cidades e retornaram para sua terra natal quando já estavam mais velhas. Ela observou claramente como certas idéias teóricas são inapropriadas para compreender a identidade de alguns grupos sociais.

“Através de uma mistura de “materialismo” e “africanismo”, o livro apresenta ambas as identidades e as estratégias das mulheres que têm suas origens em sua infância em Phokeng, e depois sugere que cada mulher formou sua estratégia de vida em termos fornecidos pela realidade do precapitalismo e da sociedade camponesa sob o impacto do colonialismo mercantil...” (p. 236).

Eu pretendo verificar como os trabalhadores migrantes camponeses têm incorporado as experiências de vida durante a trajetória migratória dentro de suas práticas políticas e culturais. Em outras palavras, como a experiência de vida é incorporada dentro da construção da identidade dos trabalhadores migrantes camponeses?

Para se tomar um exemplo. Por um lado eles valorizam a vida em comunidade, tal como as relações próximas, as festas, os parentes, a noção de tempo, que é cíclica e não linear, e por outro lado, eles se sentem mais livres para criticar o modo como a elite rural domina os camponeses.

Os trabalhadores locais e os líderes da união do comércio dizem que os trabalhadores migrantes camponeses enfraquecem o movimento social dos trabalhadores de cana-de-açúcar, porque eles aceitam conformadamente salários baixos, são obedientes e trabalham pesado. Embora isto seja verdade, a experiência de vida na área de cana-de-açúcar tem lhes permitido serem mais conscientes de seus direitos trabalhistas. Este processo tem se construído não apenas na ação das uniões de comércio, mas também na vida diária. Existem certos conflitos entre trabalhadores

locais, “os pernambucanos”, e os trabalhadores migrantes, “os paraibanos”. No entanto, é possível observar no trabalho de campo preliminar que existem também relações de amizade, principalmente nas atividades de lazer, tal como: festas, jogos de futebol e outros jogos; nos bares e nas celebrações religiosas. Os “pernambucanos” costumam dizer que os “paraibanos” estão ficando espertos, isto quer dizer que os “paraibanos” estão aprendendo a defender os direitos trabalhistas.

Os pesquisadores interessados em identidades, processos de conscientização e de classe têm usado muito as histórias de vida e entrevistas.

Bozzoli (1991) usou histórias de vida para estudar as formas de consciência que as mulheres migrantes expressam em suas *próprias interpretações de suas histórias*.

A identidade dos trabalhadores migrantes camponeses não está formada apenas pelas relações de produção locais e imediatas, mas também pelas múltiplas experiências de vida, tais como estratégias de sobrevivência, participação em movimentos sociais, relações de sociabilidade, relações de trabalho.

A perspectiva de abordar a identidade através das histórias de vida e entrevistas não significa que as representações dos trabalhadores migrantes camponeses são o espelho da identidade deles. Quando eu considero a entrevista e as histórias de vida como uma representação, eu estou tratando-as como “texto” na mesma perspectiva de Bozzoli.

“As histórias de vida têm sido tratadas como textos, refletindo imperfeitamente as vidas e mais precisamente revelando o “mito cultural e psicológico”. (Bozzoli, 1991, p. 6). O conteúdo das histórias de vida e das entrevistas deve ser submetido à análise. Como Bozzoli diz, é necessário que se tenha uma visão crítica para se mudar a riqueza da real evidência a partir da carga da ideologia, da memória escassa e do erro intencional que ocorre”. (Bozzoli, 1991, p. 7).

Os pontos metodológicos suscitados por Bozzoli são muito importantes, pois as histórias de vida não são meramente uma técnica para se acessar os dados, mas ela constitui uma aborda-

gem teórico-metodológica. Em outras palavras, analisando as histórias de vida, Bozzoli discute teoricamente o processo da identidade e da consciência. O grupo pesquisado por Bozzoli é formado por mulheres negras e trabalhadoras. A autora evitou classificar as mulheres através dessas categorias porque "elas são noções estruturalistas de determinação. (p. 239). Então, ela sugere uma outra abordagem:

"Sugere que a consciência seja formada historicamente, dentro de um nexos de estruturas, experiências, relacionamentos, eventos; tudo aquilo que é aproveitado pela mulher auto-consciente que procura encontrar sua própria estratégia de vida, e que não pode ser entendido usando-se um método de análise puramente estrutural ou sincrônico" (Bozzoli, 1991, p. 239).

Eu devo dizer que a análise da identidade dos trabalhadores migrantes camponeses não é uma questão de colocá-los dentro da categoria de trabalhadores migrantes ou camponeses ou trabalhadores temporários. Mas é considerar que eles estão delimitando, construindo identidades e o processo de conscientização a medida que eles estão falando sobre suas vidas. A tentativa de colocá-los em uma ou outra categoria deverá distorcer a identidade deles para preservar uma conceitualização teórica. O grande problema a ser enfrentado é o de como o cientista social pode inferir a partir do "texto" os sinais de identidade.

Como os trabalhadores migrantes camponeses é um grupo marginalizado pelo poder e possui poucos canais para serem ouvidos, ou para serem social e politicamente reconhecidos, eu entendo que as histórias de vida e as entrevistas podem ser um meio de reconhecer o lugar deste grupo na história. Malatian⁹⁹ fez histórias de vida com sapateiros em Franca, Estado de São Paulo, e observou que quando os sapateiros relembavam suas vidas eles estavam mostrando suas identidades. Assim, o retorno à história é uma forma de projetar o futuro. Esta idéia é amplamente apoiada pelos historiadores orais no Brasil e pelo historiador oral Britâni-

⁹⁹ M. Teresa Malatin. Exposição apresentada no Seminário "História Oral: uma utopia". Encontro Anual de ANPUH. Assoc. Nacional dos Professores de História. São Paulo, julho de 1993.

co, Paul Thompson, (1991, p. 22/4.). Desse modo, as histórias de vida e as entrevistas não são apenas uma abordagem teórica e metodológica, mas podem também contribuir para identificar a posição política de tais grupos.